

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.
id. 18, 14.

Summario

ENCYCLICA DO NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII
ACERCA DA FRANG-MAÇONARIA. — A MAÇONERIA E
A EGREJA, por A. Moreira Bello. — **SECÇÃO**
RELIGIOSA: *Homenagem á Santíssima Virgem no*
mez de Maio, pelo Padre J. A. T. N. — **SECÇÃO**
CRITICA: *Os nihilistas portuguezes*, por um amante
da religião, da patria e do throno; *França*, por
Dom Antonio d'Almeida; *Coisas! Coisas!* por um
leitor de gazetas. — **SECÇÃO LITTERARIA:** *Gracia ou*
a christã do Japão, versão do Padre Lima (con-
tinuação). — **SECÇÃO ILLUSTRADA:** I — *Fenelon*; II
— *Casa onde nasceu S. Vicente de Paulo*, por R.
— **SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA:** *Os Frades*, pelo Padre
João Vieira Neves Castro da Cruz. — **SECÇÃO DE**
CORRESPONDENCIAS: *Carta da Cerdeira*, por X. —
RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. —
SECÇÃO NECROLOGICA: *Dois annos!*, pelo Padre
M. P. S.

A VOZ DA EGREJA

CARTA ENCYCLICA DE SUA SANTIDADE LEÃO XIII PAPA PELA GRAÇA DE DEUS

*Aos Nossos Veneraveis Irmãos os Patriarchas,
Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o mundo
catholico em graça e em communhão com a S.
Apostolica.*

LEÃO XIII PAPA

VENERAVEIS IRMÃOS, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

DEPOIS que, pela inveja do demonio, o
género humano se afastou miseravel-
mente de Deus, ao qual era devedor
do seu chamamento á existencia e de
graças sobrenaturaes, dividiu-se em dois
campos inimigos, os quaes não cessam
de combater, um pela verdade e pela
virtude, o outro por tudo o que é con-
trario á virtude e á verdade. — O pri-
meiro é o Reino de Deus sobre a terra,
isto é, a verdadeira Egreja de Jesus
Christo cujos membros, se querem per-
tencer-lhe do fundo do coração e de
modo que operem a sua salvação, devem
necessariamente servir a Deus e a seu
unico Filho com toda a sua alma e com
toda a sua vontade. O segundo é o reino

de Satanaz. Sob o seu imperio e em seu
poder se encontram todos aquelles que,
segundo os funestos exemplos do seu
chefe e dos nossos primeiros paes, re-
cusam obedecer á lei divina e multipli-
cam os seus esforços, ora para escusa-
rem Deus, ora para obrarem directame-
mente contra Deus.

Estes dois Reinos, Santo Agostinho os
viu e descreveu, com uma grande pers-
picacia sob a forma de duas cidades
adversas uma á outra, já pelas leis que

as regem, já pelo ideal que buscam; e
com um engenhoso laconismo patenteou
nas seguintes palavras o principio cons-
titutivo de cada uma d'ellas: *Dois amo-
res deram nascimento a duas cidades;
a cidade terrestre procede do amor de
si proprio levado até ao desprezo de Deus;
a cidade celeste procede do amor de Deus
levado até ao desprezo de si* ⁽¹⁾. — Em
todo o decurso dos seculos que nos pre-

(1) De civ. Dei L. XIV. c. 27.



FENELON

cederam, estas duas cidades não tem deixado de lutar uma contra a outra empregando toda a sorte de taticas e armas mais diversas, se bem que nem sempre com o mesmo ardor e com a mesma impetuosidade.

Na nossa epoca, os fautores do mal parece terem-se colligado n'um immenso esforço, sob o impulso e com o auxilio d'uma sociedade espalhada em um grande numero de logares e fortemente organizada, a sociedade dos *Franc-Mações*. Estes, com effeito, não se preocupam em dissimular suas intenções e rivalisam em audacia entre si contra a augusta magestade de Deus. E' publicamente, e a luz do dia, que emprehem a ruina da santa Igreja, afim de chegar, se posseser, a privar completamente as nações christãs dos beneficios de que são devedores a Jesus Christo Salvador.

Gemendo á vista d'estes males e por impulso da caridade, sentimo-Nos muitas vezes com desejos de exclamar para Deus: *Senhor, eis que os vossos inimigos fazem um grande fragor. Aquelles que vos odiam levantaram a cabeça. Urdiram contra o vosso povo conspirações cheias de malicia e resolveram perder os vossos santos. Sim, elles disseram, vinde e expulsemol-os do seio das nações* (1).

Entretanto, n'um perigo tão oppressor, em presença d'um ataque tão cruel e pertinaz brandido ao Christianismo, é Nosso dever assignalar o perigo, denunciar os adversarios, oppôr toda a resistencia possivel aos seus projectos e ás suas industrias, primeiro para impedir a perda eterna das almas cuja salvação Nos foi confiada; depois, a fim de que o Reino de Jesus Christo que Nós estamos encarregado de defender, não somente fique em pé e em toda a sua integridade, mas faça por toda a terra novos progressos, novas conquistas.

Em sua vigilante solicitude pela salvação do povo christão, os Nossos predecessores reconheceram bem depressa esse inimigo capital no momento em que, deixando as trévas d'uma conspiração occulta, se lançou ao assalto em pleno dia. Sabendo o que elle era, o que queria, e lendo por assim dizer no futuro, deram aos Principes e aos povos a voz d'alarma e os preveniram contra as emboscadas e artificios preparados para os surprehender.

O perigo foi denunciado pela primeira vez por Clemente xii (2) em 1738 e a Constituição promulgada por este Papa foi renovada e confirmada por Bento xiv (3). Pio vii (4) seguiu as pisadas

d'estes dois pontífices; e Leão xii, incluindo na sua Constituição apostolica (*Quo graviora* (1)) todos os actos e decretos dos precedentes Papas sobre esta materia, os ratificou e confirmou para sempre. Pio viii (2), Gregorio xvi (3) e, em diversas occasiões, Pio ix (4), fallaram no mesmo sentido.

O fim fundamental e o espirito da seita Maçonica havia sido posto em plena luz pela manifestação patente dos seus trabalhos, pelo conhecimento dos seus principios, pela exposição das suas regras, dos seus ritos e dos seus comentarios, aos quaes mais d'uma vez se teem juntando os testemunhos dos seus proprios adeptos. Em presença d'estes factos, era muito natural que esta Sé Apostolica denunciase publicamente a seita dos Franc-Mações como uma associação criminosa, não menos perniciosa aos interesses do christianismo que aos da sociedade civil. Promulgou pois contra ella as penas mais graves com que a Igreja costuma castigar os culpados, e prohibiu a filiação n'ella.

Irritados com esta medida, e esperando que poderiam já pelo desprezo, já pela calumnia, escapar a estas condemnções ou attenuar-lhes a força, os membros da seita accusaram os Papas que as haviam produzido umas vezes de haverem dado sentenças iniquas, outras de terem excedido nas penas inflexíveis. Assim é que se esforçaram para frustrar a auctoridade ou diminuir o valor das Constituições promulgadas por Clemente xii, Bento xiv, Pio vii e Pio ix.

Todavia, nas proprias fileiras da seita, não faltavam associados para confessar, mesmo a seu pesar, que, estelecidas como estavam a doutrina e a disciplina catholicas, os Pontífices romanos não haviam feito cousa alguma que não fosse muito legitima. A esta confissão, é necessario acrescentar o assentimento explicito d'um certo numero de Principes ou de Chefes d'Estado que tomaram a peito ou denunciar a sociedade dos Franc-Mações á Sé Apostolica, ou baterem-na elles mesmos como perigosa, publicando leis contra ella, como se praticou na Hollanda, na Austria, na Suissa, na Espanha, na Baviera, na Sabya e em outras partes da Italia.

Importa muitissimo fazer ver quanto os acontecimentos deram razão á sabedoria dos nossos predecessores. As suas previsoras e paternas sollicitudes não tiveram em todas as partes nem sempre o successo que era para desejar:

o que se deve attribuir ou á dissimulação e astucia dos homens assalariados n'essa seita perniciosa, ou á imprudente levandade d'aquelles que não obstante deveram ter tido o interesse mais directo em a vigiar attentamente. D'aqui resultou que, no espaço de seculo e meio, a seita dos Franc-Mações fez incriveis progressos. Empregando a um tempo a audacia e o artil, invadiu todas as classes da jerarchia social e começou a tomar no seio dos Estados modernos um poder que quasi equivale á soberania. D'esta rapida e formidável alastração resultaram precisamente para a Igreja, para a auctoridade dos Principes, para o bem publico, os males que os nossos predecessores haviam previsto desde muito tempo. E somos já chegados a ponto de haver motivo para conceber os mais serios receios pelo futuro; não certamente quanto ao que diz respeito á Igreja, cujos solidos fundamentos não podem ser abalados pelos esforços dos homens, mas relativamente á segurança dos Estados no seio dos quaes se tornaram poderosissimas ou esta seita da Franc-Maçonaria ou outras associações semelhantes que se fazem, suas cooperadoras e satellites.

Por todos estes motivos, apenas Nós haviamos lançado mão do governo da Igreja quando claramente sentimos a necessidade de resistir a um tão grande mal e de assestar contra elle, tanto quanto fosse possivel, a Nossa auctoridade apostolica. — Por isso, aproveitando todas as occasiões favoraveis, havemos tratado as principaes theses doutrinaes sobre que as opiniões preversas da seita Maçonica parece haverem exercido a maior influencia. Assim é que, na Nossa Encyclica *Quod Apostolici muneris*, Nós esforçamos por combater os monstruosos systemas dos socialistas e dos communistas. Outra Nossa Encyclica *Arcaenum* permittiu-Nos esclarecer e defender a noção verdadeira e authentica da sociedade domestica de que o matrimonio é a origem e a fonte. Na Encyclica *Diuturnum* fizemos conhecer, segundo os principios da sabedoria christã, a essencia do poder politico e mostramos as suas admiraveis harmonias com a ordem natural, bem como com a salvação dos povos e dos principes.

Hoje, a exemplo dos Nossos predecessores, resolvemos fixar directamente a Nossa attenção sobre a sociedade Maçonica, sobre o conjunto da sua doutrina, sobre os seus projectos, sentimentos e actos tradicionaes, a fim de pôr em mais luminosa evidencia o seu poder para o mal, e de deter em seus progressos o contagio d'esta praga funesta.

(Continua)

(1) Ps. LXXXII, 2-4.

(2) Const. «In eminenti», de 21 d'abril de 1738.

(3) Const. «Providas», de 18 de maio de 1751.

(4) Const. «Ecclesiam a Iesu Christo», de 13 de setembro de 1821.

(1) Const. de 13 de março de 1825.

(2) Encycl. «Traditi», de 21 de maio de 1829.

(3) Encycl. «Mirari», de 15 de agosto de 1832.

(4) Alloc. «Multiplices inter», de 25 de setembro de 1865: Encycl. «Qui pluribus», de 9 de novembro de 1846; etc.

GUIMARÃES 30 DE MAIO DE 1884

A MAÇONERIA E A EGREJA

Um joven italiano admiravelmente apto para o papel de conspirador, que conseguira alcançar uma alta posição na maçoneria e que tomara, segundo o costume da seita, o nome de guerra de Nubius, disse um dia: «Se nós podessemos ter um Papa comnosco, elle faria mais com o dedo minimo que nós todos juntos.»

E tinha razão, porque, se tal hypothese fosse realizavel, aquelle que tem a seu cargo defender a Igreja de Christo, se tornaria o seu mais immortal inimigo; aquelle a quem Jesus mandou confirmar seus irmãos na fé, os transviaria; aquelle a quem foi incumbido o pastoreamento do rebanho fiel, o envenenaria cruelmente.

Ha chefes d'estado tam olbecados, que, trahindo os interesses mais sagrados dos povos, não hesitam em ceder ao impulso das paixões anti-religiosas, despenhando o seu paiz no scisma, na heresia, nos horrores da revolução, nos planos subversivos inspirados pelas sociedades secretas. Não succede, nem succederá já mais assim com o Vigario de Christo. Divinamente auxiliados pelo Espirito celeste, viram-se sempre os Pontífices romanos manter a Igreja na verdade e fazel-a triumphar, sem embargo de todos os obstaculos.

O desejo, pois, do terrivel Nubius era um sonho insensato.

Leão XIII, esse Pontífice a um tempo energico e prudente que hoje preside à Igreja catholica, esse varão sapientissimo que tem trabalhado para a salvação da sociedade, apontando os males que a minam e indicando os remedios para cural-os, não podia esquecer um dos mais graves, senão aquelle de que proveem todos os outros,—a maçoneria; e assim é que contra ella acaba de expedir uma admiravel encyclica, que seria sufficiente para tornar illustre e glorioso o seu pontificado, e para attrahir-lhe o louvor e applauso de todos quantos, ainda mesmo fóra do gremio catholico, desejam a regeneração social.

E, com effeito, a maçoneria é um perigo permanente e gravissimo para as nações. E' a maçoneria que, ha mais de um seculo, tem preparado e effectuado as revoluções que teem transformado os estados; é dos antros maçonicos que teem sahido os assassinos politicos que teem horrorisado o mundo; é nas lojas que se teem concertado os meios de destruir toda a religião, e de fazer do mundo uma mansão de atheus, o que, na phrase de um dos seus membros, Voltaire, equivaleria a um covil de feras.

N'uma brochura publicada em 1877, sivel em outras nações. Em Italia, é sabida a situação insupportavel em que se encontra o Summo Pontífice, e são conhecidos os successivos ataques, officiaes e extra-officiaes, ao Chefe da Igreja.

Pelo que toca a Portugal, já ha muito que está sob o dominio da maçoneria.

como bem fez notar n'uma occasião solenne o grande Pio IX; e ainda ultimamente o *Monde Maçonnique*, n'uma resenha que n'elle publicou o grande-orientado de França, dizia a respeito do nosso paiz o seguinte:

«O grande-orientado lusitano de Lisboa e o supremo conselho da maçoneria portugueza, fundados em 1805 (quantos desastres tem soffrido Portugal desde então!), fundiram-se em 1869 e contam cento e quatorze lojas.

Com taes elementos, que admira que estejamos à borda d'um abysmo?!

A' vista, pois, do deploravel estado da sociedade, causado pelas tramas da maçoneria, é da mais palpavel oportunidade a recente encyclica de Leão XIII.

Oxalà que a palavra do Summo Pontífice, guarda fiel da verdade, seja aqui e em toda a parte escutada agora e de futuro melhor que no passado. Se assim for, remedear-se-ão as desgraças de que é auctora a seita e victimas os povos, e salvar-se-á a sociedade.

A. MOREIRA BELLO.

«Recebei, etc.

«✠ Cesario,
«Card. arc. de Besançon.»

Ainda mais. Mons. Fava, bispo de Grenoble, n'um opusculo ha dois annos publicado acerca da maçoneria, dizia ter à vista as resoluções tomadas a 11 de junho de 1879 pela maçoneria, nas quaes se lê o que segue:

«Deschristianizar a França por todos os meios, mas principalmente estrangulando o catholicismo pouco a pouco, cada anno, por meio de leis novas contra o clero!... chegar finalmente a fechar as egrejas... Dentro em oito annos, graças à instrucção leiga sem Deus, teremos uma geração athêa. Organisar-se-á então um exercito, e se arrojará sobre a Europa. Seremos ajudados por todos os irmãos e amigos dos paizes que invadir este exercito...»

Este plano diabolico é bem seguido em França, e acompanhado quanto pos-

sivel em outras nações. Em Italia, é sabida a situação insupportavel em que se encontra o Summo Pontífice, e são conhecidos os successivos ataques, officiaes e extra-officiaes, ao Chefe da Igreja.

Pelo que toca a Portugal, já ha muito que está sob o dominio da maçoneria. como bem fez notar n'uma occasião solenne o grande Pio IX; e ainda ultimamente o *Monde Maçonnique*, n'uma resenha que n'elle publicou o grande-orientado de França, dizia a respeito do nosso paiz o seguinte:

«O grande-orientado lusitano de Lisboa e o supremo conselho da maçoneria portugueza, fundados em 1805 (quantos desastres tem soffrido Portugal desde então!), fundiram-se em 1869 e contam cento e quatorze lojas.

Com taes elementos, que admira que estejamos à borda d'um abysmo?!

A' vista, pois, do deploravel estado da sociedade, causado pelas tramas da maçoneria, é da mais palpavel oportunidade a recente encyclica de Leão XIII.

Oxalà que a palavra do Summo Pontífice, guarda fiel da verdade, seja aqui e em toda a parte escutada agora e de futuro melhor que no passado. Se assim for, remedear-se-ão as desgraças de que é auctora a seita e victimas os povos, e salvar-se-á a sociedade.

A. MOREIRA BELLO.

Secção Religiosa

Homenagem à Santissima Virgem
no mez de Maio

II

(Continuado do n.º anterior)

Tonos os litteratos eminentes se honraram e glorificaram em cantar os louvores da Virgem e teriam desperado do seu bom resultado se Maria não tivesse tido a melhor parte de suas inspirações. Aquelle que de algum modo caracteriza a Renascença, Petrarco, pedin que se gravasse no seu tumulo: *Virgem e mãe tomai-me debaixo de vossa protecção.*

O Dante que manejava a espada e a pena e cujos versos, como o ferro em brasa, palpitavam debaixo do martello; o Dante consagrou a Maria o trigesimo terceiro canto de seu *Paraíso*.

O Tasso cantor soberbo da *Jerusalem*, quiz tambem sel-o das *Lagrimas da Virgem*. O Grande Corneille poz a sua gloria em traduzir em versos francezes um poema de S. Boaventura (pelo menos attribue-se-lhe) intitulado *Laus Beatæ Virginis*. Racine explicou o *Stabat juxta crucem* do Evangelho. Chateaubriand

deve a Maria as mais brilhantes paginas de seu *Genio* e de seus *Martyres*. Schiller faz apparecer a Virgem a sua Joana d'Arc e é o mais brilhante episodio de seu poema. Byron este poeta da duvida paraphraseou elle mesmo a *Ave Maria* com uma tal suavidade de pensamento que excita: ouçamol-a:

A oração, o amor é toda a nossa vida, mui feliz o mortal cuja fé, branca estrellada do ceu, terna Virgem Maria, por este duplo caminho o eleva até chegar a vós.

O doce nome de Maria também não escapou ao nosso Homero nas suas *Luziadas* onde diz: *Quando na cruz o filho de Maria* (Cant. III Est. 45).

—A sua vez todas as artes que não são menos que as letras a escrita da sociedade, parecem só ter chegado a seu maior brilho fazendo triumphar a Virgem Maria, a mulher angelizada⁽¹⁾, não é ella o resplendor mais puro de Deus, o mais sublime reflexo do infinito no finito, n'uma palavra do bello ideal por excellencia? Não temos pois que nos admirar se Leonardo de Vinci, Raphael, Corregge, Poussin, Alberto Durer, Ossenbeck e tantos outros, tenham rivalisado no genio, no dom e na graça das virgens divinas. Um outro pintor admiravel anterior áquelles frei Angelico (João de Fieзде, é auctor d'uma coroação da Virgem tam cheia de doçura e magestade, que a tomaríamos por uma apparição celeste. A obra prima da estatua-ria, no seculo XIV, deve-se ao dogma da Virgem Mãe. Notamos a *Descida da Cruz* dos irmãos Constou em Notre Dame, o escultor juntou n'ella, a belleza da execução, a elevação quasi sobrenatural dos caracteres, o espirito e a verdade das expressões, o pathetico que toca o coração e captiva a alma. A multidão abandonou o calvario; Maria está só e recolhida na sua profunda afflicção, e o corpo desanimado de seu filho, despedido da Cruz, está estendido diante d'ella com a cabeça sobre os seus joelhos. Que maternas e inoponentes dores n'esta pobre mãe! mas também que angelica resignação! As lagrimas descem em sua face descarnada lenta e penivelmente. Em presença d'uma tristeza tam majestosa não podemos deixar de nos compenetrar de respeito e de ternura, e só a extrema dureza, para fallar a linguagem de Bossuet, é que não se commove e derrama lagrimas.

Os compositores e os musicos, como os poetas e os pintores, não puderam esquecer Maria. Quem é que não conhece esses *Stabat* sublimes de Haydn, e de

Rossini? Qual é a alma que não se sentio agradavelmente commovida ao ouvir o *Sub tuum* de Beethoven, a *Ave Maria* de Miné, e essas ladainhas triumphantes de Loretto que parecem um grito de confiança e d'esperança partindo do coração e penetrando no ceu? Um dos maiores violinistas, o maestro de Viotti, de Baillot, Pugnani, punha tanta confiança na Boa Virgem que chegava a esta simplicidade e candura: Se me perder ou enganar, repelia elle a cada passo a seus amigos, rezai uma *Ave Maria* para que eu acerte.

E Mozart, o divino Mozart, que depois do brilhante resultado do seu *Inflammatus* escrevia a seu pae: fui depois do concerto ao Palais-Royal, onde tomei um bom copo de neve, e rezei depois o meu terço como tinha feito voto de rezar e voltei depois para casa. O sublime simplicidade do genio! A architectura, a mais nobre das artes liberaes visto que as contem a todas, e que faz d'ellas como um feixe para as levar e restituir aos ceus, a architectura, exceptou-se na verdade, nas construcções das *Nossas-Senhoras*, d'essas incantadas cathedraes em que cada pedra devia exaltar a gloria de Maria. Foi sobretudo na idade media que ella produziu maravilhas e primores d'arte. Então a fé dava genio aos artistas e enchia de enthusiasmo todo um povo de trabalhadores. Reinava a associação, porque o catholicismo é o genio mesmo da associação e nas mãos da Igreja indigente, ella realisava, o que o maior poder do mundo, não realisaria hoje, apesar dos seus leudgets, de seus impostos, e de suas construcções contractadas pelo menor preço. Quanto eu gosto representar-me este zelo admiravel d'esses obreiros que tinham assim posto em commum todos os recursos do seu espirito e as necessidades de suas almas. Uns esquadrinhavam delicados capiteis, ou lavravam e cinzelavam elegantes medalhões, emquanto que os monges preparavam em suas cellas as vidraças pintadas e estampadas. Outros extrahiam das pedreiras um calcario docil ao cinzel ou devastavam as florestas de seus castanheiros seculares. Algumas vezes, quando a noite lançava cores mysteriosas sobre o que surgia, viam-se de repente scintillar mil archotes cujo brilho eclipsava o das estrellas. Era a multidão, que no ardor do trabalho, esquecia as fadigas do dia e redobrava de coragem cantando hymnos a Maria! Ao sopro de tam santos zelos, a oração devia tomar maravilhosas formas, animar-se e unir-se seguindo todas as proporções d'uma divina harmonia.

Com effeito Nossa Senhora de Strasburgo com seu campanario rendado que levanta sua cruz a 480 pés do solo; e Nossa Senhora de Reims a cathedral das sagrações; e Nossa Senhora de Chartres

com a sua *Virgem preta* (1) toda brilhante de pedraria, e suas innumeraveis estatuas de prophetas, d'evangelistas, de martyres, de confessores, alinhadas como o exercito do ceu não parecem estar a pedir em voz baixa pelos vivos? E' ainda Nossa Senhora d'Amiens toda gloriosa com a sua flecha resplandecente que se arremessa aos ceus como para convidar a deixarmos a terra e as leis da gravidade que nos attrahem continuamente ás misérias d'este mundo.

E aquella majestosa egreja de Nossa Senhora de Paris não é por ventura um dos mais admiraveis prodigios que sahio das mãos dos homens? Vêde esses monlões de pedras, todas talhadas, todas bordadas, todas cobertas de estatuas, de cabeças de anjos de finas e delicadas columnas. Considerae esses cinco andares que se estendem em face de vós com toda a ordem e grandeza. Que trabalhos! que imponente testemunho da piedade e da força e zelo de nossos paes!... Outr'ora era necessario subir treze degraus para chegar á egreja, mas o tempo diminuindo a altura da basilica deu á faxada esta sombria côr dos seculos que faz da velhice dos monumentos a idade de sua belleza.

Quando se penetra nos arcos do velho edificio, por aquellas ousadas aboboadas, cuja profundeza difficilmente a vista pode sondar, e que sustentam cento e vinte pillares de formas diferentes; quando se contempla a riqueza dos dia-gonales, as rissonhas metamorphoses da luz por entre as vidraças coloridas, sentimo-nos todos commovidos d'uma emoção inexprimivel; o pensamento engrandece cheio de pureza e recolhimento, e o homem sincero não pode dissimular isto: «os que habitam estas moradas colossaes eram gigantes dignos de as habitar, mais dignos do que nós para ali abrigar nossas supplicas, mais dignos do que nós para alli fallarmos com Deus. Sem duvida nosso seculo avantejou-se sobre elles pela sua luxuosa civilisação; mas no emprego das forças que elle põe ao nosso serviço, descuidamos muito de pedir á religião, o unico meio do verdadeiro progresso, este ideal que mantem o pensamento do homem acima de suas obras e lhe faz ver, em nossas descobertas modernas outra cousa mais do que uma requintada sensualidade.

Que diremos de Nossa Senhora da Victoria, a Batalha? Aquelles gothicos, aquelles rendados dos altares tam acabados, tam perfeitos que a agulha não bordaria mais delicadamente na tela do que o cinzel gravou na pedra, são um eterno memorial da fé viva e profunda devoção tanto dos inventores como dos

(1) Tertuliano, o Bossuet africano, o Bossuet o Tertuliano francez disseram successivamente: «Como Jesus Christo é o homem divinizado, Maria é a mulher angelizada.»

(1) Os peregrinos veneram esta imagem com o titulo de *Nossa Senhora dos Milagres*.

executores de tam grandiosa e magestosa architectura. Só o sentimento religioso é capaz de produzir tanta perfeição animando as artes a prestar o mais puramente possível louvor e gloria. A'quella Virgem pura que a mão do Creador privilegiou e adornou com a sua graça de um modo especial.

Quando a idade media não dedica a Maria suas cathedraes, reserva-lhe pelo menos uma magnifica capella que ella colloca no sanctuario ao fundo do altar mór ou em algum lateral. N'ellas ostenta a arte as mais encantadoras produções, as gopelhas dos capiteis matissam-se de era e de pampano, as pedras mestras, como em S. Gervasio e sobretudo na capella dos Apostolos na Batalha deitam-se no capricho de suas fantasias; as frestas ramificam-se em florões aerios, as vidraças d'ouro e de purpura brilham pelas suas legendas representadas ao vivo de um furtacores, e a branca estatua d'Aquella que, pela sua profunda humildade foi elevada a tam sublime gloria, esconde-se debaixo da preciosa renda d'um gracioso pinoculo. E' n'estes lugares abençoados que a graça ineffavel de Maria retem as almas ainda vacillantes, attrahe os peccadores obstinados, commove-os pelo seu perfume de piedade, d'innocencia e de paz. Mais d'um sentirá seus olhos humedecerem-se de lagrimas silenciosas, emquanto seu coração murmura secretamente aquella palavra do Evangelho: «levantar-me-hei e irei *surgam et ibo*. O mal será o orgulho que se não desarma em presença d'uma magestade tam suave e tam modesta! Quem não invejaria o socego d'aquelle mesmo que dorme tam pacificamente reclinado nos braços tam puros d'uma tam amante mãe! Emquanto a mim, não posso deixar de admirar esta religião que apresenta a meu espirito o que ha de mais divino sob a forma mais humana, o que ha mais sublime sob a imagem a mais amavel. Concebo, com S. Bernardo, uma mulher, cujo sexo é naturalmente humilde, affavel, terno, compassivo e bello, como modelo mais irrecusavel de virtude, como o mais poderoso intermediario entre Deus e o homem. Por isso exulto de alegria abrindo minha alma a tantas amabilidades e succumbindo debaixo de tanta grandeza.

Considerada em sua natureza e em pessoa, Maria não é Deus sem duvida, mas se consideramos seus privilegios e suas prerogativas e relações, são todos divinos, não podemos tocar n'elles por assim dizer, pelo pensamento, sem nos encontrarmos, sem o querer, como perdidos nos resplandores da Divindade.

Sua fecundidade é divina, sua maternidade é divina; seu filho que é o osso de seus ossos, a carne de sua carne, o sangue de seu sangue é Deus. Seria ten-

tado a dizer com um piedoso auctor (1) *tudo n'ella é divino excepto ella mesma*. Maria não tem todo aquelle poder que manda e opera o que lhe apraz, porque tal attributo pertence só à Divindade, mas tem todo o poder que roga e obtém tudo o que pede *omnia potentia supplicat*. E' o que fazia dizer a S. Thomaz: a metade do reino de Deus foi dado a Maria quando concebeu e deu á luz o Verbo Eterno, de modo que tornou-se mãe de misericordia como seu filho é o rei de justiça.

(Continúa.)

(O professor do Seminario Patriarchal, P.º J. A. T. N.

Secção Critica

Os nihilistas portuguezes

I

TEM-SE desenvolvido entre nós, nos ultimos annos, uma assustadora propaganda republicano-nihilista, que traz com razão amedrontados os homens amantes da ordem, por causa das doutrinas subversivas e anarchicas, com que os propagandistas tratam de embair os povos.

Não se pretende só derrubar as instituições vigentes. As vistas dos revolucionarios vão mais longe: querem sepultar sob as mesmas ruínas a monarchia e a religião catholica, apostolica romana, que professamos. E' dever pois de todo o homem de bem desmascaral-os, pôr em relevo seus projectos satanicos, para que o povo os conheça, e não secunde seus esforços malditos.

A sociedade portugueza está sobre um vulcão, que fará terrivel explosão, se os governos não tractarem de prevenir-lhe as consequencias, por meio de acertadas providencias e medidas justas.

Empregam os revolucionarios todos os meios de illudir os povos. A seu parecer, o povo portuguez morre d'amores pela republica, e ancea por vel-a plantada neste paiz!.. Assim seria, se o povo fosse unicamente os redactores dos jornaes republicano-nihilistas, meia duzia de vadios, que querem viver vida folgada á custa dos outros, e alguns infelizes artistas, a quem os oradores dos *meetings* tem desorientado com discursos revolucionarios, e os jornaes impios e republicanos enganam diariamente, pela modica quantia de dez reis, promettendo a esses pobres illudidos mil felicidades, e embalando-os com sonhos phantasticos, que jámais poderão realisar-se.

Portugal não é Lisboa e Porto, onde parece que mais abundam os revolucio-

narios; nem a sociedade portugueza se compõe só de alguns bachareis, sem habilitade para a advocacia, e de uns poucos desvairados que, por meio de promessas fallazes e palavras bombasticos, elles conseguem allucinar em suas reuniões demagogicas.

O povo portuguez é essencialmente monarchico, ama os seus reis, como tem provado sempre que os monarchas apparecem entre elle, e prova-o-ha mais decididamente, quando o monarcha invocar o seu auxilio, para varrer da scena politica os que tentam apeal-o do throno, para depois se ataviarem, como a gralha, com as insignias do poder, commettendo mais crimes em um dia, do que a monarchia em seculos de existencia!..

O paiz quer governos fortes que, apoiando-se na parte sã da nação, reajam contra a revolução, porque esta, tomando por fraqueza as concessões, que lhe fazem, cada dia se mostra mais insolente e insaciavel; quer governos serios, que protejam a religião em seu culto, seus ministros, seus institutos, deixando-lhes livre a acção, para ella exercer suas altas funcções e benefica influencia, em beneficio da sociedade; quer governos moralizados, que pónham um dique á desmoralisação, que ameaça subverter a sociedade portugueza, e quebrar sua unidade religiosa, com a permissão facilta, que se está dando a meia dusia de discolos, de fazerem propaganda de ideas subversivas, depois de sacudirem o jugo da religião, a fim de mais commodamente se entregarem a seus excessos e crimes!..

Viva o Estado em paz com a Igreja, proteja os sagrados direitos da familia, escolha bons funcionarios, que não comprometam, com seus excessos, a auctoridade, que representam; faça tudo isto, e venham depois as luminarias petroleiras e os agentes do republicanismo e nihilismo fallar em republica, que o verdadeiro povo formará uma barreira de bronze em redor do altar e do throno, e defendel-os-ha contra seus jurados inimigos!..

E' indispensavel que o clero seja cercado do respeito, que requerem as altas funcções, que desempenha na sociedade. O padre é odiado pelos revolucionarios, pelo unico crime de não favorecer suas aspirações satanicas. O padre trabalha em moralisar o povo, em recomendar-lhe o respeito á lei e a sugeição aos poderes constituídos; e como a revolução só pode medrar e conseguir seus fins, com a desmoralisação, a anarchia e a quebra de todos os laços sociais, eis o motivo do seu odio ao clero, aos institutos religiosos, a tudo que tiver o cunho da religião.

Um amante da religião, da patria e do throno.

(1) Mac-Carthy.

FRANÇA

«Nous croyons très fermement que, si l'on veut restaurer quelque régime durable et paisible, il faut faire bon marché des idoles du moment, revenir à une ignorance relative et à une inégalité absolue, sauf devant la loi.» Assim se expressou um escritor francez a proposito do estado politico-social presente da França. E' mister (e a Sociedade em geral applicamos nós) pois para que a França seja restaurada que haja n'ella uma vontade-acção capaz de ir resolutamente onde está o remédio, e que lance mão de elle! esta vontade-acção deve ser tambem a de depôr os idolos do momento; de voltar a uma ignoranciu-sábia, ou gerarchia de sciencia excepto no que absolutamente deve ser sabido por todos; e de estabelecer uma desigualdade social indispensavel, salvos os direitos de todos os homens em harmonia com os deveres de estes para com Deos, para consigo e para com os outros. Eis a traducção philosophica de aquellas palavras francezas. Essa decantada civilização, no que pôde chamar seu, não passa de uma idolatria, e idolatras sam os seus sustentadores, pois que lhe prestam adoração; ella é para elles «tudo!» A Eschôla-moderna fez a civilização moderna, e aqui fazemos abstracção de todas essas descobertas, melhoramentos e mesmo adiantamentos scientificos e artisticos, cuja paternidade é tão a Eschôla-moderna como a República de Andorra gerou o Imperio do Japão.

A filha inegavel da Eschôla-moderna é a irreligiosidade e desconjunção familiar-social que desgraçadamente se estam dando hoje em tristissimo espectáculo!

Isto é evidente, e assim mesmo os idolatras civilizados continuam a adorar o Idolo=civilização=moderna; logo é mister, que a Eschôla-moderna e seus sequazes sejam vencidos e tornados impotentes para que a França e a Sociedade em geral sejam restauradas, verdadeiramente restauradas! Essa derivação Eschôla-moderna, que se propõe a ser eclética, tirando da Verdadeira Eschôla e da falsa Eschôla, se eclética se lhe pôde chamar; tal derivação não passa de um elemento (não solidamente consciente) que impede, a quanto chega, a restauração Social, e ajuda a demorar a quêda da Eschôla-moderna. Não ha, repetimol-o, senão dous reinados, o do Bem e o do mal, e este por demorado que seja ha-de ser vencido por Aquelle! as mêscas sam admittidas e até boas em tecidos de vária especie, em Principios não sam admittidas, ou só as admite quem se quer enganar e enganar os outros. Se a Eschôla-moderna tem sido de ruína para a Sociedade, como é que as idéas da mesma Eschôla a pô-

dem curar? tal proposito ou pertença equivale a querer diminuir o incendio com o fogo ou a inundação com a agua.

Vêmos ãns fallando e outros escrevendo, vêmos homens investidos de Auctoridade politica, e todos estes agarrados com pertinacia as idéas-modernas, e nem por convicção do que pela persuasão de que *tous-ils* sam o seu proprio amparo; n'um momento ou outro que para si consideram critico as mettem no fundo do chapéu, que julgam deposito pessoal; passada a sua crise de novo as proclamam e sustentam pois que suas convicções sam mais ou menos de tarraça como se diz em phrase familiar. Nem se julgue que tal contradicção e tal fraqueza sejam assim como umas cousas pouco vistas, pois que ao contrario é cousa mui geral no mundo de agora ou antes faz o seu caracteristico, o qual denuncia ainda as liberdades na bocca e o despotismo no coração, havendo tambem liberdades verbaes com contradicção cordial para que se não deixe de parecer do tempo. Ora o homem não é para isto, é para a verdade e pela Verdade! A França official e a Sociedade desprezaram os fóros da justiça e do bom senso, e d'est'arte apresentam situações desgraçadas, embora atordiem os menos pensantes com tudo que os não faça pensar. Se não a maior prova por certo uma das maiores provas do abaixamento social hodierno é a propria declaração de desgraça acompanhada de um frenesi pelos jubilos a tornarem todas as horas divertidas; excede-se o *panem et circenses* dos romanos pagãos, pois que até se arrisca o pão para segurar o divertimento; os pais reputam como um dever o divertir os filhos, percam estes a sua innocencia ou ganhem a exigencia dos passatempos; é uma Sociedade de democritos sem criterio e de heraclitos em reserva sem remédio; a Sociedade está uma Parvonia maligna. Deos creou-nos; Deos remiu-nos, dando-se por nós! *Deus patiens quia æternus!* e assim não castiga logo as desobediencias aos Preceitos; faltas graves têm-se dando em todos os tempos; mas uma Sociedade apostada a fazer guerra a Deos por acções e omissões, isto é excepcional na Historia da Humanidade, e esta excepção dá-se na Sociedade actual!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

COISAS! COISAS!

O SNR. Joaquim Martins de Carvalho, vulgô, o do Conimbricense, em o n.º do seu jornal de 6 de maio diz o seguinte, que nós vamos transcrever e anotar:

«Os miguelistas e reaccionarios, (1) suppondo que já esqueceram as tyrannias do governo absoluto, (2) entenderam que era chegado o tempo de fazer restaurar os frades em Portugal! (3)

«Na sessão da camara dos deputados de hontem deu parte o presidente da mesma camara, de que para a mesa tinha sido enviada uma representação com 17:400 assignaturas, pedindo a restauração das ordens religiosas! (4)

«E' a guarda avançada do movimento reaccionario-miguelino (5) que activamente se está promovendo em todo o paiz! (6)

«Em quanto o partido liberal vive na mais completa indiferença (7) os reaccionarios de todos os matizes promovem a restauração do absolutismo e das suas instituições! (8)

«Aonde estão os homens de 1834?! (9)
Joaquim Martins de Carvalho.»

O nosso collega portuense A Palavra dava muito contente a seguinte noticia, no seu numero de 6 de maio:

«Apesar de ser já um pouco tarde, vem sempre a tempo a apresentação de bons exemplos para servir de edificação.

Os jornaes da opposição censuram o actual ministerio hespanhol pela circular do ministro do fomento o snr. Pidal, na qual se prohibe o trabalho aos domingos e dias festivos nas obras do Estado; e pela ordem dada pelo capitão general de Madrid, que prescreve que todas as tardes dois mil homens da guarnição de Madrid alternadamente assistissem aos

(1) Então são os miguelistas, ou os reaccionarios?

(2) Qual governo absoluto? o do marquez de Pombal? Não esqueceu, não, senhor Martins de Carvalho, que a Historia de Portugal, do snr. Pinheiro Chagas, boje ministro, ainda se não queimou. Não esquece, esteja desencançado.

(3) E porque não? O que se lhe roubou está reduzido a nada, e os reaccionarios, como bons patriotas, desejam ver as ordens religiosas em toda a sua grandeza, para que os liberaes, d'aqui a algum tempo, tenham de novo com que mimosear os atilhados.

(4) Badalo, snr. Martins, agarre-se ao badalo e toque, toque a rebate.

(5) Que honra para o partido legitimista! Tudo que é trabalhar contra o desamoraamento da Patria, tudo se lhe attribue!

(6) Mas, snr. Martins, se o movimento da reacção contra as azeiras da sua seita se está promovendo em todo o paiz, é porque essa reacção tem adeptos, e, n'esse caso, que tem vossa patriótica pessoa com isso?

(7) Vive na indiferença porque está cheio, e não vê mais a que lançar a unha; apontem-lhe mais conventos, que tenham pratas, grandes cercas, etc., etc., e verá como elle sabe da apathia em que se acha. A culpa é do snr. (arvalho; deixe crear conventos!

(8) O que a reacção promove é a restauração do direito e da honra, e a queda dos ebanjadores, dos que ha 50 annos vivem á larga, á custa do suor e das lagrimas do pobre povo.

(9) No Inferno, ou a comer ainda o resto da merenda.

sermões quaresmaes, em tres egrejas indicadas pelo Patriarcha das Indias, capellão mór do exercito.

Isto que para os apaixonados é motivo de censura, é para nós motivo de louvor, e com effeito applaudimos o snr. Pidal pela sua excellente determinação.

Sim, senhores, cremos piamente que applaudem do fundo d'alma o snr. Pidal, porque os vimos applaudir-o escandalosamente, por occasião da Quaresma, na questão do jesuita Padre Mon, fazendo suas as palavras da *União*, que traduziram sem commentarios. Então já nós quizemos mostrar os amores da *Palavra* pelo snr. Pidal, apresentando à luz da verdade o mal que andou o dito snr. Pi-

Apresenta-nos a *Palavra* um novo Pidal a prohibir o trabalho ao domingo! Essa não é má! Pois o snr. Pidal é que manda não trabalhar ao domingo? O que o snr. Pidal tem obrigação, é fazer que em Hespanha, paiz catholico, se observe o preceito divino, tanto nas obras do Estado como em todas.

E com respeito às ordens do snr. Capitão general de Madrid, para que todas as tardes dois mil homens da guarnição de Madrid alternadamente assistissem aos sermões quaresmaes, achamos-lhe uma graça infinita, e desejavamos que o collega a achasse tambem para nos rirmos ambos. Pois para que servem as ordens do capitão general, dando-se o caso

Secção Literaria

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

(Continuado do n.º 11)

CAPITULO VI

A mulher de Jecundono

Em quanto que o daimio, ou principe de Tango, se dirige para o palacio ou fortaleza, que lhe serve de morada, entraremos galgando por sobre as muralhas que o cercam; e sem passar



CASA ONDE NASCEU S. VICENTE DE PAULO

dal, e o quanto se escandalisaram as damas da primeira sociedade madrilena. Não o fizemos porque ouviamos ainda as palavras do R.^{mo} Monsenhor Rebello de Menezes; mas não perderemos esta occasião sem dizer que a *Palavra* nos desgostou assaz não censurando o governo do reino visinho, não dando a seus leitores as noticias que os jornaes hespanhoes de todas as côres deram, todos condemnando o governo, todos louvando o Padre Jesuita. A *Palavra* só lê a *União* órgão do snr. Pidal, e é por isso que no seu numero de 6 de maio vem ainda queimar em sua honra um pouco do incenso velho que achou perdido.

que se deu com o Padre Mon, de o governo, o snr. Pidal, não querer que o prégador falle a linguagem do Evangelho, condemne o luxo, os prazeres, os bailes indecentes e as comedias licenciosas? Que vale o capitão general mandar os soldados escutar os prégadores na quaresma, se o snr. Pidal manda descer os prégadores do pulpito e os intima para que abandonem Madrid? A quem escutarão os soldados?

Esta *Palavra* tem palavras, que, palavra d'honra, fazem rir a gente!

UM LEITOR DE GAZETAS.

pela porta onde estão de sentinella soldados armados dos pés á cabeça, nem nos dirigirmos á torre quadrada, que como signal da auctoridade de Jecundono se levanta no centro do palacio, introduzir-nos-hemos nas habitações aonde vive a familia do principe.

As casas do Japão não teem mais do que dous andares, e nas principaes um serve para as mulheres e outro para o marido. Os creados vivem em habitações separadas, de modo que se são muitos, como acontece no caso presente, suas casas agrupadas em derredor da principal formam como um pequeno povo. A habitação da princeza de Tango, porque

Jecundono só tinha uma mulher, era separada das demais por um formosíssimo jardim, onde cedros, cyrestes e alcanfores medram e crescem vigorosas, a par de myriades de plantas de aromáticas flores, que embalsamam o ambiente. Os japonezes são verdadeiramente apaixonados pelas flores, que cultivam com esmero, cuidam com arte e tornam maiores ou menores por meio de engenhosos processos, muitos d'elles tirados e trazidos dos chinezes. Mesclando assim a arte com a natureza obtem verdadeiros prodigios, que não é aqui nosso proposito descrever, porque outros muitos maiores nos aguardam dentro do jardim da princeza de Tango.

Duas espaçosas salas primorosamente forradas de papel, atapetadas de finissimas esteiras e separadas não por um tabique como na Europa, mas por uma especie de biombo de papel, preza ao tecto e ao solo por meio de roldanas e cordas que permitem levantar-o ou descel-o á vontade, formam o *rez de chausse* da casa da princeza. N'uma d'essas habitações quatro formosissimas meninas, tendo a mais velha cinco annos e a mais nova poucos mezes, brincavam em companhia de duas creadas. Outra menina de mais idade mas ainda joven, porque quando muito teria desaseis annos, parecia presidir ao brinquedo. Esta não só pelo seu trage muito mais rico e elegante que o das creadas, como pela formosura do seu rosto, pelo seu fino trato e expressão de sua phisionomia assaz patente, que seu elevado nascimento a torna muito considerada e beinquista n'aquella casa. Seu rosto vivo, airoso e animado demonstra tambem claramente uma ingenuidade, uma candura e uma pureza de sentimentos extraordinarios e pouco vulgares. Brinca com as meninas como se ella tambem ainda o fosse, e ora as agarra e as abraça com affecto, ora se levanta risonha e alegre e salta no meio d'ellas e luge escapar-se, para que as trez mais velhas a sigam a todo correr e a pilhem pelo vestido. Até a mais novinha, que a ama sustenta nos braços, segue com avidos olhos os engraçados movimentos da esbelta joven, e com sorrisos e exclamações infantis dá a conhecer a parte que toma no folguedo e alegria geral.

Quando as trez mais crescidas conseguem pillar a joven o contentamento de todas não tem limites: riem, palmeiam, deitam-se no chão e dão cambalhotas por sobre a finissima esteira, que cobre o pavimento, até que cansadas d'este exercicio, se assentam no solo. D'ahi a um instante, porém, a mais velha das meninas levanta-se com infantil donaire e dirigindo-se á joven exclama:

—Prima Mirka, dance.

—Sim, sim, dance, repetem em côro as outras. Mirka, a formosa, não se faz

rogar: pega n'umas castanholas que encontrou lá n'um canto abandonadas, dá a cada uma das meninas uma especie de pandeiro ou tambor com uma baqueta para que a acompanhem, e cantando, ou melhor, trauteando uma canção grave e cadenciosa, começou a dançar. Enthusiasmam-se pouco a pouco e com ella enthusiasmam-se tambem de tal forma os pequenos espectadores, que acabam todos por fazerem um berreiro enorme, batendo com toda a força nos instrumentos e como se isto não bastasse, levantam-se e começam a dançar ao som da cantiga, adaptando com toda a exactidão os movimentos á medida musical. O ruido que todas fazem é tamanho e a distração tão completa, que nenhuma notou a presença subita e inesperada de uma mulher, que, desde o limiar da porta, observa e assiste á brincadeira. A' sua chegada ninguém, que a visse, podia desconhecer que vinha irritada, mas a alegria infantil, que observou e traduziu em todos os semblantes parece que exerceu em seu animo salutar influxo. Seu rosto, formosissimo mas severo, tomou uma expressão suave, adeja-lhe pelos seus carminados labios dulcissimo sorriso, seus pretos e vivissimos olhos percorrem benevolos e complacentes todos os recantos d'aquella sala, fixando-se com igual amor, ora nas creancinhas, ora na travessa e folgazã Mirka, e permanece em muda contemplação como embriagada pelo perfume da innocencia que d'aquelles seres se escapa, até que afinal exclama:

—Basta, Mirka, já basta; és peor que minhas filhas, ainda pareces mais creança.

Esta voz causou grata surpresa na infantil assembléa: as trez mais velhas correm pressurosas a abraçar sua mãe, e a pequerrucha chora e grita e forceja quanto pode, para que a ama ande e a leve. A princeza beija uma após outra suas filhas, ageita e compõe com suas proprias mãos os vestidos que ellas trazem em desalinho e depois de acariciá-las, lhes diz:

—Ide brincar para o jardim; já estou cansada e farta de dizer-vos, que não quero que façais barulho quando eu estiver estudando. Vão todas; mas tu, Mirka, que és a auctora e causadora do barulho, fica.

Esta sentença, que, como todas sabiam, não tinha appellação nem agravado, causou nas victimas mui diversos effectos; as meninas, tristes e cabisbaixas, foram para o jardim; Mirka, porém, foi ter com a princeza e abraçando-a com immenso carinho no qual conjunctamente se traduzia amor de filha, de irmã e d'amiga, disse-lhe com dulcissimo accento:

—Zangaste-te comigo?

—Ah, ladina! respondeu a princeza,

beijando-a na testa. Como tens habilitade e astucia para aplacar minha cólera!

N'esta occasião, como sempre, a princeza e Mirka formavam um grupo encantador. A belleza, a graça e a jovialidade d'esta realçava a formosura magestosa, o porte regio e a aprazivel gravidade da outra. Contava uma dezaseis annos apenas, a outra não passava de vinte e quatro; ambas estavam na flor da juventude, com a differença somente, que a belleza de Mirka era a das donzelas, e a da princeza a das matronas. Bastava vê-la para comprehender, que a paixão com que a amava Jecundono era, n'um idolatra como elle, perfeita e inteiramente justificada. Mais que amor era cega idolatria o que Jecundono sentia por sua mulher; mas, como não havia de ser assim, se, além de seu formoso e sympathico rosto, airoso talhe, suave e melodiosissima voz, tinha a princeza um coração admiravel, dotado de rara ternura, grande copia de sentimentos e sobretudo uma intelligencia tão viva, clara e perspicaz, e uma sublimidade de engenho tal, que a elevava cem covados acima das do seu sexo? A mulher de Jecundono era não só o encanto e enlevo d'este, mas o assombro do Japão, aonde ainda se conserva e acata sua memoria, como a de um portento.

(Continúa.)

VERSÃO DO P.º LIMA.

Secção Illustrada

Fenelon

Damos hoje o retrato de um dos homens que mais notaveis se tornaram em França, no reinado de Luiz xiv. Contemporaneo de Bossuet, tendo-o por vezes como inimigo, Fenelon elevou-se acima dos cortejos que aduavam o rei, e por isso não podia agradar a este; mas os caracteres que, como o seu, contrastavam com os aduadores, viram no arcebispo de Cambrai um Prelado digno, um escriptor de alta valia.

Francisco de Salignac de La Mothe Fenelon, nasceu no castello de Fenelon em 1651, de uma familia nobre e senhorial. Frequentou a Universidade de Cahors e concluiu seus estudos no collegio dos jesuitas, em Paris. Quiz ir missionar entre os selvagens do Canadá e mostrou desejos de se entregar a civilisar os decachidos povos do Oriente; mas foi encarregado de instruir as novas catholicas e de converter os protestantes das Cevennas. Escreveu para madame

de Beauvilliers o tratado *De educação das meninas*, obra cheia de delicadeza e bom senso. O seu discurso dirigido ao arcebispo de Colonia, e o que fez sobre missões estrangeiras são de uma eloquência esplendida.

Escolhido para preceptor do delphim novo, o duque de Borgonha, empregou todos os meios, filhos da sua grande intelligencia para o tornar um principe digno do povo a que viria a presidir. O seu livro primoroso, o *Telemaco*, livro que é conhecido em todas as linguas, e que os grandes escriptores appellidam a obra mais correcta do seculo xvii, mereceu as asperezas de Luiz xiv contra o sabio escriptor. O grande rei viu no *Telemaco* allusões á sua pessoa. Contra vontade do auctor foi publicado na Hollanda e espalhado por toda a parte.

O caracter independente de Fenelon não agradava ao rei, e o seu desagrado firmava-se em o grande escriptor ter sido mestre do delphim durante cinco annos, sem pedir remuneração alguma, e mais ainda por acceitar o arcebispado de Cambrai, com a condição de que só iria á côrte durante o tempo de ferias.

O quietismo, questão que tanto deu que fallar, e que tantas disputas suscitára entre escriptores catholicos arrastou tambem á lucta o arcebispo de Cambrai, que sahia a campo com a sua obra *Maximas dos santos relativamente á vida interior*, sustentando que a perfeição christã consiste na oração passiva, e na contemplação no amor puro e perfeito de Deus, sem temor nem esperança.

Desde logo se apresentou a appareição do livro como um escandalo, e Bossuet que espreitava occasião de se vingar de Fenelon, atacou-o com toda a força da sua eloquencia. A causa foi levada a Roma, e vinte e tres artigos do livro de Fenelon foram condemnados não como hereticos, mas como erroneos.

Os inimigos do arcebispo exultaram e viram-no na mais desastrosa queda. Mas Fenelon ergue-se acima de todos os seus adversarios, e subindo ao pulpito da sua igreja, leu o breve pontificio que lhe condemnava o livro, e submetteu-se sem replica ás decisões da Santa Sé.

Quando o sabio Prelado mais se distanciava da côrte, acampou perto da sua diocese o exercito do rei, batido e faminto. Fenelon abriu os seus celeiros para alimentar as tropas, e como estes teve muitos rasgos de caridade christã.

Em 1815, depois de vêr desaparecer todos os seus inimigos, entregou a alma ao Senhor, tendo antes captivado a eslima de muitos que o olhavam mal.

II

Casa onde nasceu S. Vicente de Paulo

Na cidade de Dax, França, teve o ber-

ço o homem mais extraordinariamente celebre que os seculos conheceram, e por isso essa pequena cidade se orgulha em possuir a casa humilde onde nasceu S. Vicente de Paulo, o santo da caridade, junto da qual se erguera uma igreja que a nossa gravura representa, ostentando a estatua do santo no alto da fachada principal.

Em 1577 nascia de paes pobres e de humilde condição o santo que havia com suas virtudes de assombrar o mundo. Era época essa em que todas as calamidades assolavam a França. A guerra estendia o seu facho ensanguentado por sobre uma boa parte das provincias francezas; a fome pairava sinistra por todas as povoações, e as ruas e praças, os campos e as estradas eram assaltadas por lobos esfaimados. As donzellas, peritentes mesmo a boas familias, vendiam a honra para poderem viver, e as religiosas com o mesmo fim despedaçavam a clausura. As mães comiam os filhos, outras abandonavam-os.

Os parochos puchavam os carros e charruas por falta de bois, que todos morreram de fome, e os cães e cavallos eram devorados pelos homens que não tinham pão. Em algumas cidades appareciam todas as manhãs dezenas de cadaveres victimas da fome.

As creanças, que o vicio e a miseria abandonava, eram expostas em meio das ruas, sem despertar compaixão, porque a fome era geral.

Em meio d'este cataclismo medonho, appareceu para salvar a França, que os reis alagavam com a guerra, S. Vicente de Paulo, adoptando todas as amarguras, pedindo aos abastados para dar aos pobres, alcançando dinheiro para comprar aos lavradores utensilios de lavoura, levantando do lagedo das ruas as creancinhas alandonadas, confiado-as ao cuidado das *Irmãs de Caridade*, congregação que elle fundára, composta de mulheres que esqueciam as commodidades da vida para cuidar dos doentes, para serem mães dos filhos do vicio.

Nas galés, n'esses antros de miseria, onde os forçados, que a sociedade repelia, se tornavam em feras, fez Vicente de Paulo prodigios, transformando as galés em escolas de rehabilitação. Elle offerecia-se para soffrer pelos seus irmãos, e a todos levava a paz e a consolação.

Em 1625 fundava em Roma a Congregação das Missões, composta de padres que faziam voto de continencia, e que andavam por toda a parte a prégar e enxugar lagrimas. Não se assentavam á mesa se não entre dois pobres, e dando tudo que possuíam, esperavam de Deus o sustento para o dia seguinte.

A 27 de setembro de 1660, cahia, diante de uma molestia pertinaz, o homem que mais se erguera acima das vulgaridades humanas, o homem que

ganhára, como ninguem, o nome de santo da caridade, e que fizera de cada uma de suas obras um monumento christão, monumento que as presentes gerações admiram, e que são ainda hoje, o amparo dos desgraçados. Quando pensamos em S. Vicente de Paulo, nas suas instituições, no seu desprendimento pelas coisas terrenas, custa-nos, não só a dar o nome de Caridade a pessoa alguma, mas até nos custa ouvir prófanar esse nome.

Santo da Caridade foi Vicente de Paulo, e anjos da caridade são essas mulheres por elle agremiadas em volta da cruz, e que só vivem de sacrificios.

S. Vicente de Paulo foi canonisado, pelo Papa Clemente xii, em 16 de Junho de 1737.

R.

Secção Bibliographica

OS FRADES

Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos

XII

«Os Frades — Defeza, justificação e apologia insuspeitissimas colligidas por J. de Lemos. — Com a epigraphe, que encima o presente artigo, publicou o snr. Teixeira de Freitas, incansavel editor Catholico de Guimarães, um livro notavel que acabamos de ler com a maior satisfação.

Dissemos que é um livro notavel, e é-o com effeito, tanto pela materia que contem, como pela forma da sua organização.

Como indica o titulo do livro, o seu auctor pretende apresentar a defeza, justificação e apologia dos frades, que como todos sabem, foram extinctos em 1834 pelo governo liberal portuguez.

O snr. João de Lemos, escriptor bem conhecido nas lides da imprensa Catholica, campeão illustre do direito portuguez, é o auctor do livro de que nos occupamos.

Dizemos auctor, ainda que o snr. João de Lemos não fez mais que colligir e entregar o colligido á estampa.

E a sua collecção é formada dos testemunhos dos proprios liberaes e seus congeneres, em favor das Ordens religiosas; e assim são insuspeitissimas a defeza e apologia dos frades, que nos dá o snr. João de Lemos.

Parece uma empresa bastante arrojada a que empreendeu o antigo jornalista, apesar de escudado com tão insuspeitas auctoridades!

Defender os frades!

Pois os frades pôdem lá ter alguma

defeza n'este seculo illustrado e philosophico?!

Se fosse ha um seculo, quando as corporações monasticas gosavam geralmente, em todos os estados Catholicos, da protecção particular dos principes e da estima e veneração dos povos, isso sim; então seria possível sustentar a causa dos frades contra os declamadores philosophos e libertinos.

Quem é que hoje se atreve a defender os frades, reinando a geral mania anti-monastica?

O snr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do «Conimbricense», não consente tal cousa.

O *homem das collecções* apresenta-se em campo contra os frades, munido d'algumas auctoridades a que chama *insuspeitas*.

Comtudo apparece-lhe de frente o snr. João de Lemos rebatendo os seus argumentos, julgando que o melhor modo de destruir as taes allegações *insuspeitas*, era afogal-as, enterral-as, anniquilal-as, pulverisal-as com muitas outras *insuspeitissimas*.

Tal é o objecto do seu trabalho que, primeiramente publicado em artigos nas columnas do valente jornal Catholico a «Nação», foi agora editado em volume pelo snr. Teixeira de Freitas.

A que vem esta defeza, justificação e apologia dos frades n'estes tempos liberaes?

O sabio Claudio Fleury escreveu no seculo xvii:

«O leitor judicioso deve ter toda a cautela contra as preoccupações dos protestantes e dos Catholicos libertinos a respeito da profissão monastica.

Entre esta classe de pessoas parece que o nome de *Frade* é um titulo para desprezar os que o professam, e uma sufficiente reprehensão contra as suas boas qualidades.

Assim entre os pagãos o nome de *Christão* desacreditava todas as virtudes: é um *homem de bem*, diziam elles, mas é pena que seja *Christão*».

Está muito bem; mas hoje, deante do «Conimbricense» e do snr. Martins de Carvalho, tudo deve emmudecer!

O douto e insuspeito Frei Francisco de S. Luiz, que morreu Patriarcha de Lisboa, editou e annotou o livro—*Os Frades julgados no tribunal da razão*—que sahiu à luz em 1814, fazendo suas as razões verdadeiramente philosophicas d'esse livro em defeza das corporações religiosas.

Sem duvida o snr. Carvalho de Coimbra tem conhecimento d'esse livro, e deve tel-o lido; mas certamente não acceta as suas razões, apesar de philosophicas, porque são producto d'um obscurantista!

O Padre José Agostinho de Macedo publicou em 1830 o seu livro intitulado—

Os Frades ou reflexões philosophicas sobre as corporações regulares.

Mas taes razões não merecem attenção nenhuma ao snr. Martins; e tanto este livro como o antecedente não poderam evitar o golpe de 1834.

Os Aguiarés e os Carvalhos não se prendem com essas razões.

Em 1853 o snr. Pedro Diniz, escriptor liberal consciencioso, deu à estampa a bella obra—*Das Ordens religiosas em Portugal*.

E' uma apologia brilhante e completa das congregações regulares.

Mas que importancia tem o que diz o snr. Pedro Diniz?

E' liberal?

Liberal da gemma é o snr. Martins de Carvalho, inimigo acerrimo dos frades e dos jesuitas!

Não façamos, pois caso do Frei Francisco de S. Luiz, nem do Padre Macedo, nem da obra de Pedro Diniz, nem d'outros muitos.

Temos agora o livro do snr. João de Lemos, onde teve a rara habilidade de armar os testemunhos *insuspeitissimos* de muitos liberaes e outros da mesma escola, em favor dos pobres frades.

O snr. Carvalho não póde recusar nenhuma das auctoridades que n'este livro admiravel veem depôr a sua opinião favoravel aos membros das extinctas corporações monasticas.

Ora queira ler attentamente as citações do livro do snr. João de Lemos.

Vá solettrando.

Temos ahi o *divino* Garrett, o minoso Castilho, o grande estylista Alexandre Herculano, e outros muitos de honrosa menção na escola liberal portugueza.

Temos o testemunho de publicistas, protestantes, deistas, hereges, atheus, revolucionarios, em defeza dos frades e dos jesuitas.

Temos (parece incrivel!) até as proprias palavras do snr. Joaquim Martins de Carvalho, em favor dos jesuitas, seus antigos mestres, que elle estampou no seu livro—*Apontamentos para a historia contemporanea*.

Agora, se o snr. Martins é capaz de contradizer tantas auctoridades, e até o seu proprio testemunho!...

Seja como fôr, nós diremos que o livro do snr. João de Lemos é uma brilhante e irresponsivel apologia das ordens religiosas.

Parabens ao grande poeta e publicista!

E tambem ao snr. Teixeira de Freitas, editor de tão magnifica obra.

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

(Do *Commercio do Minho*, de Braga, de 28 de novembro de 1883.)

Secção de Correspondencias

Cerdeira—Abril de 1884

Snr. Redactor.

PERMITTA V. que no seu muito lido e acreditado jornal eu solte, ainda que tarde, um brado de louvor à freguezia da Cerdeira, pois que, sendo, como é, pequena e de poucos recursos (pois conta só 150 fogos) elevou este anno as festividades da Semana Santa a um grau de esplendor e brilho nunca ali vistos e que ficaram gravados nos corações de todos, como recordação indelevel e saudosa dos martyrios soffridos pelo nosso Divino Salvador para consummar o sacrificio cruento da redempção do genero humano. E' isto com certeza devido ao grande zelo e incansavel actividade do seu muito digno Parocho Albino Simões Dias Cardoso, que tem envidado todos os exforços possiveis e tendentes ao bem temporal e espiritual dos fieis, confluídos à direcção de tão digno Pastor bem como à zelosa Junta de Parochia da mesma freguezia, que tem sido incansavel em augmentar e engrandecer tudo o que diz respeito ao culto de Deus e salvação das almas, e em cujos annaes se registram factos de grande importancia para o povo da Cerdeira taes como, a nova casa das sessões, por ella mandada construir e a reparação da egreja, obra de incontestavel merecimento, pois ha muito estava esquecida. Um brado de louvor pois!...

Agora, amigo Redactor, já que cumpri um dever que me impunha a voz da consciencia, vou descrever, conforme m'o dictarem os meus pequenos recursos, a festividade a que acima alludi. Começou a festividade de Sexta-Feira Santa às 11 horas da manhã e terminou às trez da tarde. Era enorme o concurso de fieis das povoações vizinhas, que levados pelos mesmos sentimentos de devoção e piedade se acolhiam à protecção do Altissimo, pedindo da sua Divina bondade e misericordia um raio de luz, que os allumiasse na senda escabrosa da vida, que todos nós temos de percorrer.

E' grato no seculo xix, em que a impiedade campeia infrene pelas ruas e lupanares das grandes cidades e que a pouco e pouco vai corroendo os costumes patriarchaes das villas e aldeias, ver como a humilde Cerdeira apresentou em quadro brilhante quantos sentimentos de amor à religião e temor de Deus se abrigam no seio de seus nobres devotos!

Houve os sermões da Paixão em que o orador (o muito Rvd.º Parocho) em phrase fluente e animada descreveu os martyrios e tormentos do Salvador desde o Monte das Oliveiras, em que infame-

mente foi trahido, até ao escaldado cume do Golgota; o sermão da Soledade, quando vivo das amarguras d'uma Mãe extremosa que pranteia seu Filho, e que entre si e elle encontra a barreira do tumulto; e o sermão do Encontro que fez brotar rios de lagrimas dos olhos de todos os piedosos ouvintes.

Estas festas nunca ali vistas pelos motivos que ha pouco apontei deixaram uma indelevel recordação nos animos de todos os christãos da Cerdeira e povoações vizinhas. Era pois bello e tocante o quadro que se patenteava á vista. Grande e tocante foi tambem o quadro que se commemorava! Graças pois a Deus, que por nós, miseros peregrinos n'este valle de lagrimas, não duvidou derramar o seu sangue bemdito. E diga a impiedade o que quizer, chova sarcasmos e vomite imprecações, que nós, apesar da corrupção que vai minando as gerações, apesar de tantas villanias e infamias, que a cada passo vemos commetter-se, seremos, ou pelo menos esforçar-nos-hemos por ser columna inabalavel, roble gigante, muralha inatacavel onde se desfagam em espumas os insultos, imprecações e calumnias d'esses desvairados, que confundem a verdade com o erro, o bem com o mal, aviltam a honra e mancham a dignidade.

Dando publicação a estas linhas ficar-lhe-ha do coração agradecido quem é

De V. mt.º ven.º e obgd.º

X.

Retrospccto da quinzana

TARJADO de festa nos appareceu o *Catholico*, d'Angra do Heroismo, no dia 28 d'abril passado, para memorar o decimo segundo anniversario da sagração episcopal do seu venerando Prelado, o Ex.º R.º Sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel.

Applaudimos o modo como o nosso collega se regosija com um tal anniversario, e d'aqui saudamos tambem o illustradissimo e virtuoso Prelado Angrense, fazendo côro com todos os povos açorianos, que todos amam, e estremecem S. Ex.º R.º. E dizemos todos os açorianos, porque, quem é que não gosta, quem se não curva reverente diante do vulto magestático do Bispo d'Angra? O Povo? Isso é cousa que não existe. Entre catholicos não ha povo e nobres, fidalgos e plebeus; são todos irmãos, e, quando a ralé se appellida *povo*, é porque não pôde ser nobre, é porque não pôde ter coragem, para esmagar com o seu rodar a miseria, a desgraça.

Os membros da Conferencia de S. Vicente de Paulo, do Funchal, reuniram-se no dia 7 d'abril para de accordo com o mui digno Prelado, o Ex.º R.º Sr.

D. Manoel Agostinho Barreto, promover a fundação da grande obra, a Sanctificação do Domingo.

A comissão ficou assim composta: Presidente, S. Ex.º Rvd.º o Snr. Bispo Diocesano; Vice-Presidente, Dr. João Baptista de Freitas Leal; Secretario, Snr. João Antonio da Silva Vianna; Thesoureiro, Snr. José Sarmiento; vogaes, Snrs. Manuel Maria Ribeiro, Jacintho Augusto Brazão, Alfredo Evaristo Rodrigues.

Bom era que em todas as terras do paiz se fizesse o mesmo, porque é escandaloso, vergonhoso até vêr que muita gente guarda o comprar qualquer cousa para o domingo. E tão generalizado está um tal costume, que não ha muito um padre, parochio, talvez, de alguma freguezia d'este concelho, ou d'outro proximo, nos perguntava muito admirado, porque tinhamos o escriptorio fechado!

E' uma vergonha, um escandalo, ter os estabelecimentos abertos ao domingo, e é ao mesmo tempo uma tyrannia dos donos dos estabelecimentos tirar aos empregados o que Deus lhe concedera—o domingo, para descansar e para se entregarem a obras de piedade.

Os nossos parabens aos catholicos do Funchal, a quem não perdeu ainda o republicanismo atheu do *Povo*.

Ahi vaç uma noticiasinha para os amigos das Irmãs de Caridade:

«Teve ha pouco logar na Allemanha, um basar, cujo producto será applicado na compra de uma casa para as irmãs de caridade. O basar foi promovido por catholicos e protestantes, sendo estes os que mais concorreram com donativos e compras.

Rendeu 26:000 mar. (5:850\$000 réis), e muitos órgãos da imprensa tem auxiliado aquella obra pia.»

Depois da noticia sempre queremos fazer uma pergunta.

Gostando das Irmãs de Caridade, os catholicos, os protestantes, os mahometanos, e não gostando d'ellas os *illustradissimos* revolucionarios portuguezes, a que seita pertencem estes ultimos?

O Snr. Joaquim Martins de Carvalho, a quem desejamos rapidas melhoras, é que nos hade explicar o caso.

Mas isto é caso!...

Vá mais esta noticia para provarmos aos que não querem vêr a luz da verdade, que o Catholicismo está a ser substituido pelo protestantismo:

«Em Alcoy tambem havia uma chafarica protestante, e o R.º Jorge Benoit, *pastor* ha oito annos da dita, chegou a abrir os olhos, e eil-o abjurando os erros que por tanto tempo sustentou no pulpito da chafarica, na imprensa, etc., etc.

Dois filhos, que não estavam baptisados, pedem as aguas regeneradoras.»

Qualquer dia desaparece o protestantismo, e depois veremos com que vem os homens da... sciencia.

Venha o que vier, a asneira hade forçosamente ser maior que a de Luthero, e por isso tambem hade durar menos tempo.

A camara municipal da cidade de Victoria, ao norte de Hespanha (diz um nosso collega), em sessão de 23 de abril de 1884, approvou por unanimidade a proposta de um de seus membros de que se offerecesse ao S. Padre, na eventualidade de abandonar Roma, filial asylo n'aquelle rincão de Hespanha, aonde, «se não encontra o esplendor correspondente a sua altissima jerarchia, pode ao menos contar com o carinho entrañavel de todos aquelles seus filhos.»

Os membros d'esta corporação municipal não pertencerão a alguma associação liberal? Se o *primo* D. Alfonso podesse obter que alguns *liberaes* do Porto fossem a Victoria fundar uma das ditas, para evitar um tal atraso, isso é que era bom! E assim ficavam pagas as carroagens cheias de flores que vieram de Hespanha para uma cousa que se fez em Lisboa, que, sejamõs francos, não sabemos ainda o que seja. Nos nossos dictionarios não vem tal palavra.

Querer o Papa na sua terra, os habitantes da cidade de Victoria! Estão bem atrasados! O *mano* nem em Roma o quer, e mais Roma não é d'elle; que faria se o fosse!

Em um periodico de Madrid, que não é do snr. Pidal, encontramos a seguinte noticia, que gostosos transcrevemos:

«Alguns periodicos de Paris publicaram um telegramma de San Petersburgo, onde se diz que o Imperador se mostrou assaz satisfeito com a ultima Encyclica de Sua Santidade, e que os jornaes officiosos receberam ordens terminantes para publicarem a mesma Encyclica. Se a noticia é verdadeira, digna é de ser recebida com alegria por todos os catholicos, pois é signal de que a cõrte da Russia applaude as determinações do Summo Pontifice.»

O nihilismo, que outra cousa não é mais que o maçonismo, tenta arrasar tudo, fazer desaparecer a Russia. Que outro remedio tem o Czar se não abraçar-se á Cruz, e ajoelhar-se diante do Papa?!

Nos suburbios de Vizeu e junto á sua casa da Balsa, mandaram edificar uma linda capella os R.ºs Padres Ferreira d'Almeida, fazendo-se a inauguração solemne no domingo 20 d'abril.

Foi uma festa esplendida, e muito principalmente por ser abrilhantada com

a cooperação das Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria e D. Clementina Correa d'Almeida, sobrinhas dos reverendissimos ecclesiasticos que cantaram e tocaram ao piano durante a festa.

Foi também dado um jantar a doze pobres, servido pelas mesmas Ex.^{mas} Snr.^{as}, a quem damos mil parabens pela maneira como sabem exercer a santa caridade ensinada por Jesus.

Louvemos a Deus, que temos mais uma capella, no seculo em que ellas se arrazam e profanam em nome do *progresso*.

No testamento com que falleceu o snr. Antonio José Leal, cunhado do Ex.^{mo} Snr. Barão do Calvario, de Penafiel, encontra-se, entre outras verbas, deixadas para alivio da miseria, a seguinte:

«À SANTA CASA DA MISERICORDIA (ALÉM DO MAIS QUE LHE DEIXOU) RÉIS 15:000\$000 PARA SUSTENTAÇÃO DO ASYLO E IRMÃS HOSPITALEIRAS.»

QUINZE CONTOS DE RÉIS para um asylo e irmãs hospitaleiras!

Que santa alma, que bondoso character a morte roubou aos pobresinhos de Penafiel! O que vale é que lhes deixou bastante, e por isso sua alma hade, na bem-aventurança, receber o premio de suas virtudes.

Aprendam d'aqui os inimigos das Irmãs de Caridade.

Quatro anniversarios

Entrou no 3.º anno de publicação o nosso collega de Macau, *O Micaense*, a quem felicitamos por tal motivo, desejando-lhe uma vida intellorada com as mais bellas rosas, colhidas no esplendido campo da imprensa catholica.

Concluiu o 9.º anno, e entrou no 10.º anno a *Semana Religiosa Bracarense*, illustrado collega nosso, que vê a luz, como do seu titulo se deprehende, na cidade dos Arcebispos, e á testa de cuja redacção se acha o virtuoso sacerdote Monsenhor Rebello de Menezes.

Mil parabens.

O nosso collega de Villa Real, *A Juventude*, encetou o segundo anno da sua publicação, pelo que lhe enviamos os nossos parabens, desejando-lhe todas as prosperidades.

Na estrada do journalismo deu mais um passo *O Tirocinio*, nosso collega, de Barcellos, a quem agradecemos a maneira como annuncia a recepção do nosso humilde periodico, dando-lhe, por occasião da sua entrada no 3.º anno, um aperto de mão e um abraço como prova de boa e fraternal camaradagem.

J. DE FREITAS.

Sessão Necrológica

DOIS ANNOS!

PASSAM os annos, os mezes e os dias. Tudo desaparece debaixo da voreagem dos tempos. Só não passa nem desaparece a memoria do justo; *in memoria aeterna erit justus*. O justo viverá eternamente na presença de Deus; e os vestigios das suas virtudes permanecem sobre a terra, que o contemplou cheia de admiração e respeitosamente lhe rende tributos de amor e gratidão. E na verdade já dois annos são passados depois que a foice inexoravel da morte cortou o fio da existencia ao meu sempre chorado superior, amigo e collega, Monsenhor Doutor Manuel Xavier Pinto Homem, Dignissimo Reitor do Seminario Patriarchal em Santarem; sacerdote exemplar, homem de character bondoso e cidadão prestante á humanidade, a favor da qual sacrificou bens e saude; e não obstante terem decorrido já dois annos, depois do seu passamento, todavia a sua memoria ainda se conserva e conservar-se-ha gravada no meu coração. No dia quinze do corrente, o auctor d'estas linhas desejando dar uma prova sincera da sua profundissima saudade, e testemunhar a grande sympathia que alimentava por tão digno ecclesiastico, resou uma missa por sua alma na Real Egreja do Convento das Francezinhas. Que Deus

lhe conceda tantos grãos de gloria na Bemaventurança como de obras meritorias praticou sobre a terra. *Dona ei requiem sempiternam*.

P.º M. P. S.

CORREIO SEM FRANQUIA

Recebemos pelo correio d'Ovar, um vale enviado pelo Snr. José Victorino da Fonseca. Como não achamos este nome em Ovar, pedimos o favor dizer-nos a residencia e para que é a importancia do vale.

Ao snr. director do correio de Mirandella ou a quem competir

Queixa-se um nosso assignante, que recebe pelo correio de Mirandella, que lhe não chegam á mão duas terças partes do *Progresso Catholico*. Como estas faltas se não dão na administração da nossa Revista, pedimos providencias, que desde já agradecemos, se é favor pedir o cumprimento de um dever.

N'uma administração ou delegação do correio a quem mandamos este n.º, foi entregue em fevereiro uma carta que devia acompanhar 600 reis em estampilhas, quantia que o administrador, ou delegado do correio recebeu, ficando de metter na carta as estampilhas, porque disse as não tinha na occasião. A carta chegou aqui, mas nada de estampilhas. E' o que nos participa quem as mandava. Isto é extraordinariamente mal feito, porque podia o nosso assignante, se não confiasse em nós, julgar que nós é que lhe queríamos empalmar os 600 reis, quando a empalmadella foi feita no correio.

E' necessario todo o cuidado.

EXPEDIENTE

Por falta de espaço deixamos de mencionar algumas publicações que temos recebido, o que faremos nos proximos numeros.

ANUNCIOS

PEQUENO

MEZ DO SACRADO CORAÇÃO DE JESUS

PIEDOSOS PENSAMENTOS PARA

O MEZ DE JUNHO

EXTRAHIOS DO

LIVRO DEVOTO DA DONZELLA

PELO AUTOR DAS PALMEIRAS DOURAS

Ora approvada por muitos Cardaes, Arcebispos e Bispos

Tradido da 102.ª edição por um Filho de Maria

1 vol. de 64 pag.—100 rs.

Quem comprir 3 ex. custa o preço de 2—200 rs.

Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães

O MEZ DE JUNHO

ou

O MEZ DE JESUS

AÇAFATE EUCARISTICO

Consagrado ao augusto mysterio do altar, e offerecido a todas as pessoas devotas que desejam fazer ou assistir ao importante exercicio do *Mez de Junho*.

Segunda edição (1881) revista e augmentada com todas as orações para assistir ao Santo Sacrificio da Missa, para todos os dias. Coordenado pelo padre José Maria Vieira da Rocha, com approvação de s. ex.^a rv.^{ma} o snr. arcebispo primaz.

1 vol. de 310 paginas encadernado, 300 reis.

A' venda na *Livraria Portuguesa* de Joaquim Maria da Costa, largo das Lóys n.º 53 e 55—Porto, e Teixeira de Freitas—Guimarães.

OS FRATRES

beleza, justificação e apoloia inuspeissimas colligidas por J. de Lemos

3.ª edição correcta e augmentada

Acaba de sair do prelo a 3.ª edição d'esta obra que tem o seu elogio na rapidez com que se esgotou a 2.ª edição.

Um volume de 216 paginas em 8.º grande, 300 reis. E' enviado franco de porte. Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães.